

O GENERAL

Durante todo o governo do general Dutra só o vi de perto uma vez: foi quando as "Folhas" de S. Paulo me encarregaram de uma reportagem sobre a visita do sr. Milton Campos ao Rio Negro.

Depois que os dois conversaram, a reportagem teve entrada no salão. Um a um, os jornalistas foram sendo apresentados ao general. Para cada um deles ele tinha um apêto de mão e um pequeno sorriso cordial; aquêle sorriso econômico, mas com alguma coisa de infantil que dá uma graça inesperada à sua cara não muito sedutora. Ao ouvir meu nome — eu devia ser o quinto da fila — ele trancou o sorriso; apertou-me a mão, mas me olhou sério com uma cara que entendi ser aborrecida. Talvez eu tenha entendido mal; em todo caso, prestei atenção e vi que ele voltava a fazer o mesmo sorrisinho para todos, com exceção do Barreto Leite, que admira especialmente, e para quem teve algumas palavras afetuosas.

Acontece que pouco antes eu tinha feito — acho que no "Diário de Notícias" — uma crônica de mau humor, em que extranhava a excessiva cordura da imprensa para com o general. Nunca nenhum presidente da República foi tão poupado pela imprensa — e eu não entendia isso, porque seu governo praticava erros, porque seu governo praticava sei se o general leu a crônica é por isso me fechou a cara. Pode ter sido apenas cisma. Em todo caso ponderei com meu paletó de três botões que eu estava ali para trabalhar e não para ganhar sorrisos. E me consolei pensando que gente muito mais bonita também já me fechou a cara, consolo parecido com o de Tenerá que berrava, capinando o pátio da cadeia lá de Cachoeiro: "eu já estive em cadeia muito melhor do que esta!"

Já não sendo, de natureza, muito rezador, não é de espantar que eu não tenha ido, ontem, à missa do general. (Joel Silveira foi, mas se rezou não sei.) Mas desta vez entendo porque foi tanta gente. O sr. Getúlio Vargas tem conseguido fazer as coisas tão feias que já nos parece bonito o general. Dentro da moldura desta situação o homem começa a embelezar. Não digo que acabe parecido com Ingrid Bergman mas o fato é que seu sorriso tímido e parco já desperta mais simpatia que o sorriso obrigatório e a gargalhada profissional do estancieiro reinante.

Ou talvez o que todo mundo veja no general é a figura de um homem que respeitou a Constituição pelo menos naquele artigo em que ela estabelece que depois de um certo tempo o Presidente deve dar o fora, sem deixar nenhum genro nem parente, nem procurar dar algum jeito de continuar.

Direis que esta é uma virtude negativa. E eu vos direi que em tempos como este, de tanto vício positivo, não podemos nos dar ao luxo de fazer pouco de virtude nenhuma. O general começou a ser um grande presidente no dia em que deixou de o ser.

18.5.52

R. B.